

REVISTA DAS QUESTÕES

# Construindo a infraestrutura do futuro

Sasha Shestakova  
(Tradução de Rafael Moscardi)



## É depois do fim do mundo. Você não sabe disso ainda?

A música “It’s after the end of the world”, de Sun Ra é, aparentemente, uma ótima escolha pra uma manhã melancólica em Moscou. Os gritos repetidos de Sun Ra – “é depois do fim do mundo/você não sabe disso ainda?” – se mesclam ao céu acinzentado e sua assombrosa sensação de que não há mais futuro para além do ciclo infinito de reprodução do mesmo, tal como Mark Fisher colocou, “a catástrofe estática do neoliberalismo”<sup>1</sup>. Quando me levantei, o sol já havia se posto (não tenho certeza sequer se ele havia nascido).

A névoa pairando sobre esse dia me remete a quando encontrei pela primeira vez, em uma coletânea chamada *Catastrophe*, as palavras de Fisher sobre viver “após o fim do mundo”. Coincidentemente, eu havia comprado esse livro enquanto tentava superar um término de relacionamento bastante doloroso há alguns anos atrás. Mesmo naquela época, a imagem do mundo “acabando” como um estouro não parecia relevante, o sentimento era mais como estar preso em um

1 Fisher, Mark. “After the event in Catastrophe”. In Michael Corris et al. Eds. London: Artwords Press. 2012. pp. 35- 43.

limbo: sem conseguir sentir ou me mover, mas ainda capaz de respirar. Queimo minha língua com café e isso me impede de afundar em memórias românticas. Me recordo de algo bastante similar a essa sensação em outro contexto – Madina Tlostanova descreve a virada neo-reacionária na política russa enquanto um processo de cancelamento do futuro: “devemos nos contentar com a vitória simbólica sobre inimigos imaginários, praticar uma superioridade espiritual e religiosa e fervor messiânico agressivo, sem conexão com nada nesse mundo material.”<sup>2</sup>

O mundo já acabou de muitas maneiras diferentes. No entanto, isso não significa que não haja espaço para pensamento utópico e procura por futuros alternativos. Pelo contrário: procurar por futuros alternativos é exatamente o que devemos fazer. Eu escuto novamente o álbum *It is after the end of the world* desde o início, ele começa com uma repetição aguda: “mundo dos sonhos/mundo estranho/um mundo/um mundo”. Me perco no som por um momento, tentando acompanhar a maneira como aquelas sonoridades em si constroem um certo mundo, em algum momento. Os gritos repetidos exclamando que “é depois do fim do mundo” se preenchem de esperança por um futuro alternativo, mas também de desespero. No entanto, apesar dos sonhos e expectativas de Sun Ra por um futuro em algum lugar fora daqui – “nós viajamos em caminhos espaciais” –, eu sinto que a terra é o único espaço no qual podemos construir esses futuros alternativos.

2 Tlostanova, Madina. *What Does It Mean to Be Post-Soviet?: Decolonial Art from the Ruins of the Soviet Empire*. Duke University Press: Durham and London. 2018. p. 21.

# Como futuros alternativos podem ser facilitados?

Meu entendimento sobre a construção de futuros alternativos é altamente informado pelo *Manifesto Xenofeminista*, que famosamente proclamou que “o feminismo é um racionalismo”<sup>3</sup> convocando a racionalidade para a construção de liberdades não-naturalizadas. No entanto, o que estava ausente no manifesto era a maneira como a racionalidade poderia ser utilizada. Eu proponho a ver racionalidade enquanto uma infraestrutura que pode facilitar um futuro alternativo. Textos sobre infraestrutura iluminam caminhos interessantes na maneira como a racionalidade se materializa em ambientes construídos coletivamente. Pesquisador da infraestrutura, Paul N. Edwards descreve a relação entre esse conceito e a modernidade: “a construção de infraestruturas é inerente à condição moderna em quase qualquer sentido. Ao mesmo tempo, ideologias e discursos do modernismo têm ajudado a definir os propósitos, metas e características dessas infraestruturas”.<sup>4</sup> De maneira similar, Adolf Grunbaum, no seu ensaio “Livre arbítrio e as leis do comportamento humano”, debateu que a racionalidade por trás de um sistema carcerário na verdade facilita a reprodução do crime, já que dá suporte às hierarquias existentes e não permite que pessoas se desloquem dentro delas.<sup>5</sup> O conceito

3 Cuboniks, Laboria. “Laboria Cuboniks | Xenofeminism.” Acesso em: 13 de janeiro de 2020. <https://www.laboriacuboniks.net/>.

4 Edwards, Paul N. “Infrastructure and Modernity: Force, time and social organisations in the history of sociotechnical systems” in Misa, Thomas J.; Brey, Philip e Feenberg, Andrew (eds.). *Modernity and Technology*. Cambridge: MIT Press. 2014. pp. 185 – 225.

5 Grunbaum, Adolf. “Free Will and the Laws of Human Behavior”. in *Collected Works, Volume I, Scientific Rationality, the Human Condition, and 20th Century Cosmologies*. pp. 79-95.

de racionalidade foi extensivamente criticado como parte do projeto da modernidade. No entanto, como a ideia de infraestrutura, ele pode tanto facilitar os movimentos do Império quanto a resistência a ele, como discutido pela pesquisadora feminista de logística Deborah Cowen, que define infraestrutura como “um sistema coletivamente construído que compõe e sustenta a vida humana”.<sup>6</sup> Ela também menciona que um foco em infraestrutura “requer que levemos em conta o pensamento feminista sobre a centralidade da reprodução social e como ela é condicionada por raça e gênero para que pensemos na transformação do social”.<sup>7</sup> Em uma conversa posterior com Niccolo Cuppini,<sup>8</sup> ela exemplifica essa dinâmica falando da maneira como a logística militar está intimamente conectada com trabalhos como limpeza e lavagem de roupas, que são feitos por trabalhadoras. As batalhas são condicionadas por aqueles e aquelas que colocam as roupas nas máquinas-de-lavar e operam aspiradores de pó. Esses sistemas de trabalho infraestruturais nunca são construídos por uma só pessoa, mas pelo trabalho de diversas pessoas simultaneamente.

No entanto, até agora Deborah Cowen discutiu principalmente o relacionamento entre infraestrutura e reprodução social em operações militares, apesar de a fronteira entre operações militares e civis ser bastante porosa. Pretendo discutir a criação de infraestrutura por civis através do conceito de “hospitalidade” de Irina Aristarkhova. Aristarkhova começa

6 Cowen, Deborah. “Infrastructures of Empire and Resistance.” Versobooks.com. Acesso em 14 de janeiro de 2020. <https://www.versobooks.com/blogs/3067-infrastructures-of-empire-and-resistance>.

7 Ibid.

8 Cuppini, Niccolò. “Circulating Violence and Value.” *Social Text* 37, no. 4, 2019. pp. 95–102. <https://doi.org/10.1215/01642472-7794414>.

criticando a maneira como tarefas concretas e genderizadas como cozinhar e limpar são ignoradas nas discussões de hospitalidade na filosofia. Ela aponta: “Atos de hospitalidade são deixados de lado, ou tem sua existência negada, já que é difícil imaginar como essa ‘dimensão de feminilidade’ não-empírica pode cozinhar, limpar e arrumar uma cama”.<sup>9</sup> A ênfase dela em ações concretas de hospitalidade lembra a maneira como Deborah Cowen discute, no âmbito militar, a facilitação de batalhas através das infraestruturas de reprodução social. Assim como Cowen enxerga o entrelaçamento entre infraestrutura e reprodução social, Aristarkhova conceitua a gestação enquanto hospitalidade ao enfatizar o trabalho envolvido nesse processo, incluindo a criação de um ambiente saudável para o feto, seja em uma gestação “natural” ou “artificial”. Ela também aponta que isso não é uma prática apenas humana nem uma prática individual. Ambas incluem o trabalho circundante das enfermeiras, doulas e amas-de-leite ao lado de várias relações de cuidado entre humanos e tecnologia.

Foquei o aspecto material da racionalidade, porém deixei de lado o discursivo. A abordagem sobre cognição do psicólogo soviético Lev Vygotsky se centra na maneira como um ambiente material e seu arredor discursivo (comunidade) influenciam no crescimento de uma criança.<sup>10</sup> Nesse sentido, de acordo com ele, a maneira como uma criança se orienta no mundo é construída por diversas formas de jogos e atividades, não pelas maneiras como “ensinamos” algo a ela.

9 Aristarkhova, Irina. *Hospitality of the Matrix Philosophy, Biomedicine, and Culture*. New York: Columbia UP, 2012.

10 Vygotsky, Lev. [Basics of defectology] (em russo) //bookap.info/clasik/defect/gl2.shtm. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

Entendo o raciocínio como um processo de construção de infraestrutura que, apesar de feito por humanos, também inclui alianças que envolvem humanos apenas de forma parcial. Qualquer processo de raciocínio imagina um certo modelo de futuro. Apesar desses futuros serem condicionados por possibilidades materiais, eles também são condicionados pelas interações humanas que tornam tais sistemas possíveis.

Para discutir mais a fundo a maneira como entendo essas construções materiais como facilitadoras de futuros alternativos, analisarei obras de arte cinética da União Soviética. Eu não vou discutir a posição desse movimento no mundo da arte na URSS nos anos 60 quando ele se originou, mas realizar um giro temporal e encarar as racionalidades e futuros que essas obras produziram.

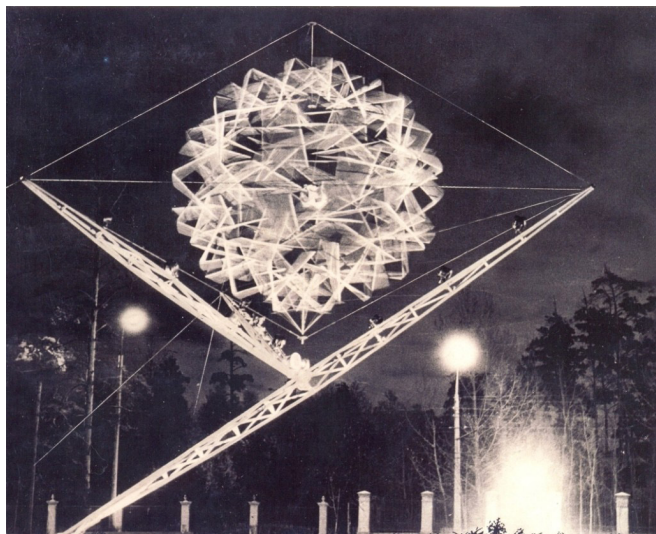
## Dvizhenie

O grupo Dvizhenie (do russo: movimento) foi um dos grupos-chave no cinetismo russo. Foi organizado em 1962 por aproximadamente 60 jovens artistas que estudavam no Instituto de Arquitetura de Moscou. Eles próprios estavam realizando um giro temporal ao serem influenciados pelos artistas da vanguarda soviética de 1920, que na época da formação do grupo não eram tão discutidos ou mesmo visíveis. A historiadora da arte Alexandra Novozhenova discutiu a diferença entre os experimentos de 1920 e os dos anos 1960 distinguindo



a maneira como eles aproximavam abstração (por exemplo, comparando as construções do vanguardista Karl Ioganson às do grupo Dvizhenie). De acordo com ela, a Tensegrity de Ioganson era “uma culminação da pesquisa dele da forma abstrata antes que ele se dirigisse ao trabalho organizacional... seus objetos literalmente dão suporte a si mesmos e sua construção é a razão fundamental para sua existência”.<sup>11</sup> Enquanto isso, os objetos do grupo Dvizhenie “representavam ideias de progresso científico”. No entanto, autores escrevendo sobre arte cinética raramente discutem o que o grupo entendia pelo conceito de “progresso científico”.

11 Novozhenova, Alexandra e Napreenko, Gleb. [Episodes of modernism. From the roots to crisis] (em russo). NLO. Moscow, 2018. p. 150



Viacheslav Koleichuk e grupo Mir, *Atom*, 1967. Instalação cinética, Praça Kurchatov, Moscou. Foto do Arquivo Viacheslav Koleichuk.

Novozhenova discute o trabalho “O nascimento de um átomo (1967)”, de um dos membros do Dvizhenie Vyacheslav Koleychuk com o grupo “Mir”, enquanto uma peça emblemática para entender como os cinéticos trabalhavam com abstração. A obra era um monumento na frente do Instituto Kurchatov para Energia Atômica e buscava representar a ideia de um “átomo pacífico”, conceito emblemático para a modernidade soviética. O conceito de racionalidade, que informava essa modernidade, é discutido por Aníbal Quijano. Ele descreve o entendimento naturalizado do Estado enquanto um organismo hierárquico dentro do qual alguns cidadãos são “mãos” enquanto outros são “cérebros” sob a prerrogativa de que o “cérebro” deve ensinar às “mãos”, encadeamento esse

feito tanto nos governos soviéticos quanto em outras formas de colonialismo europeu.

Quaisquer outras maneiras de fazer sentido que não adentrassem no modelo de racionalidade através de sujeito-objeto eram considerados bárbaros tanto pelo colonialismo europeu<sup>12</sup> quanto pelo modelo soviético. Esse entendimento de racionalidade foi repetido na maneira como comunidades indígenas foram tratadas por governos russos e soviéticos. A política de “russificação” levou à extinção de línguas que não o russo no território russo, já que elas não eram passíveis de serem “salvas”. Então, as comunidades indígenas atuavam enquanto representações do “Calibã”, já que suas falas eram “sem sentido” e não merecedoras de preservação. Pode parecer que o trabalho de Koleychuk pavimentou o caminho dos futuros da modernidade soviética que por sua vez cancelaram outros futuros, incluindo os de pessoas indígenas, através de sua aniquilação. Realizarei agora uma crítica da maneira como a racionalidade do “progresso científico” se materializou no trabalho de Koleychuk para descrever a criação de um espaço dinâmico que pedia que a razão emergisse, tal como no trabalho de outros artistas do Dvizhenie.

O modelo do átomo construído por Koleychuk é representado não enquanto uma entidade estável, concebível para a cognição humana, mas enquanto um campo dinâmico que se move em múltiplas direções. Outros trabalhos e ideias do grupo Dvizhenie funcionavam da mesma maneira. Por exemplo, a historiadora da arte Ekaterina Andreeva cita uma frase de uma carta de Lev Nussberg (um dos fundadores do grupo):

12 Quijano, Anibal. “Coloniality and Modernity/Rationality”, *Cultural Studies* 21, no. 2–3, 2007. pp. 168–78. <https://doi.org/10.1080/09502380601164353>.

Quero trabalhar com campos eletromagnéticos, com coágulos de plasma no espaço, com o movimento de vapores e líquidos, com espelhos e outros efeitos ópticos, com mudanças de temperatura, com vários cheiros e, é claro, com música.<sup>13</sup>

Nussberg demonstra querer trabalhar com as entidades mais dinâmicas, aquelas que exigem um conceito de ocupação e espaço completamente dinâmico.

As Instalações de espelhos (1970-1980) de Francisco Infante-Arana e Nona Goryunova criavam, similarmente, um espaço desestabilizado. Nos seus trabalhos, objetos feitos de espelhos são montados em florestas e campos. Essa intervenção nas paisagens posiciona o olho humano como secundário aos reflexos dos espelhos. O processo de interação entre os elementos de uma paisagem e o espelho acontecem fora do controle humano; ao não ver seu reflexo a própria pessoa se torna um ponto cego nessa interação. O espaço não aparecia nem enquanto “paisagem natural bucólica” nem enquanto uma aparição completamente artificial. Nesse sentido, a instalação atravessava concepções do que poderia ser a “natureza”, criando um senso de desorientação no olhar humano. Em vez de impor uma racionalidade, esse trabalho criava um espaço de desorientação do qual um raciocínio poderia emergir.

13 Ekaterina, Andreeva. [Corner of discrepancy] (em russo). Iskusstvo, XXI-vek. 2012. p. 157.



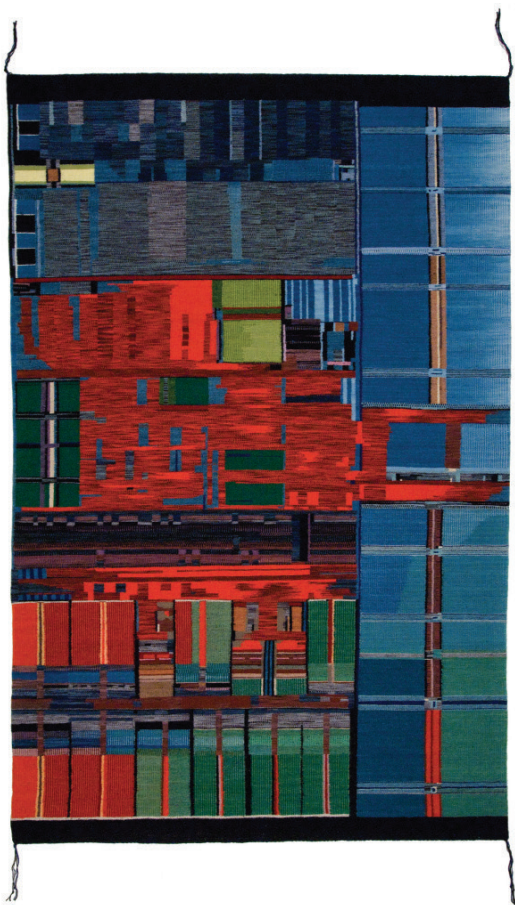
Lev Nussberg, *Plano de um parque de diversões cinético*, 1968.  
Fonte: Andreeva Ekaterina, *Iskusstvo XXI-vek* 2012. p. 55

Um processo similar é representado em “Plano de um parque de diversões cinético” (1969), de Nussberg. A obra é repleta de formas coloridas que não guardam semelhança alguma com objetos do dia-a-dia, se assemelhando a algo que se move em diferentes dimensões e foi subitamente freado. Podemos especular que o objetivo de Nussberg era criar um ambiente saudável para que crianças brincassem. Apesar dessas formas não serem de forma alguma familiares, elas não eram abstratas; em vez disso, sua constelação era uma representação de maneiras como a reprodução social podia funcionar. De acordo com Nussberg, elas poderiam funcionar como um processo infinito que continuamente rodopia em diversas direções.

A ênfase em um processo não criou uma futuridade linear, mas um espaço no qual um novo raciocínio poderia emergir. Isso criava não um molde sólido de futuro mas a intensificação de uma desorientação produtiva.

No entanto, a desorientação não é uma condição neutra, e tem sido vista como definidora em especial para aqueles afetados por violências coloniais. Por exemplo, Eduard Glissant usou o conceito do “abismo”, que ele descreve como a experiência do desconhecido, o resultado de ser vítima de uma violência. Apesar de ele ter descrito a sensação de estar no “abismo”<sup>14</sup> enquanto a única condição possivelmente universal, ele usou a experiência da escravidão como ponto inicial para discuti-la. Apesar de a experiência de desorientação pós-colonial não ter sido alvo de reflexão dos cinéticos, ela pode ser reconhecível, por exemplo, em povos indígenas deslocados pela colonização soviética. Nesse sentido, mesmo não intencionalmente alguns desses artistas reproduzem o estado de desorientação pós-colonial que exige um trabalho de raciocínio (ao mesmo tempo que conjura uma sensação de perda). Esse posicionamento enfatiza a dimensão material do raciocínio e da imaginação de um futuro alternativo, já que é o ambiente desorientador que a deixa atordoada.

14 Glissant, Édouard. *Poetics of Relation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997. p. 33



Marilou Shultz. *Sem título*, 2008. Lã. Museu Nerman de Arte Contemporânea, Kansas City.

## O trabalho por trás dos futuros

Criar espaços para raciocínio não parece ser suficiente, mas com certeza faz com que o trabalho de se raciocinar seja mais tangível. O padrão do tecido (2008) de Marilou Schultz pode parecer meramente abstrato à primeira vista, porém, assim como o átomo de Koleychuk ele possui um significado figurativo bastante específico. Ele se refere ao padrão de um microchip, o que conduz o espectador a um outro giro temporal. Eles agora se encontram nos Estados Unidos da América em 1970 – mais precisamente em uma fábrica (Fairchild Shiprock). Eles veem uma longa fila de mulheres usando microscópios e montando algo embaixo deles. Especificamente, mulheres Navajo produziam esses microchips que seriam utilizados como infraestrutura material para o Vale do Silício e suas visões de futuro repletas de ciborgues e digitalização total. Em sua pesquisa sobre a produção de microchips por trabalhadoras racializadas, mal-remuneradas e que muitas vezes enfrentam grande dificuldade em se sindicalizar, Lisa Nakamura apontou que:

A afinidade e as conexões históricas entre a tecelagem, a computação digital e as figuras femininas aparecem com grande centralidade na teoria ciberfeminista, famosamente no *Manifesto Ciborgue*. O discurso corporativo do Vale do Silício criou um arquivo de materiais que representam mulheres Navajo como ciborgues “naturais”, como natureza encarnada se expressando através do silício.<sup>15</sup>

15 Nakamura, Lisa. “Indigenous Circuits: Navajo Women and the Racialization of Early Electronic Manufacture.” *American Quarterly*, 66, no. 4, 2014. pp. 919–41. <https://doi.org/10.1353/aq.2014.0070.934>



Assim emerge o raciocínio aparentemente não-humano dos computadores, que é condicionado pelo trabalho de corpos racializados e genderizados representados como apenas “parcialmente humanos”. Assim como Franco “Bifo” Berardi descreve essas visões de futuro:

O processo de tomada de decisão e projeção de um futuro no qual um futuro entre vários é selecionado depende cada vez menos da vontade humana. Nós podemos chamar isso de paradoxo decisivo: enquanto a circulação de informação se torna cada vez mais rápida e complexa, o tempo disponível para a elaboração de informações relevantes se torna mais complexo. (...) É por isso que a execução do programa é confiada a procedimentos automáticos que operadores humanos não podem mudar nem ignorar.<sup>16</sup>

A descrição de Bifo implica que os tecno-futuros foram produzidos por raciocínios não-humanos; no entanto, o salto temporal no trabalho de Marilou Shultz produz uma história diferente da tecno-utopia. Ele mostra a materialidade dos corpos genderizados e racializados que tecem esses futuros. O processo de raciocínio não pertence às máquinas, mas às mãos cansadas que as produzem.

16 Berardi. *After the Future*. Edinburgh: AK, 2011. p. 44

## Conclusão



Captura de tela do vídeo “Como uma placa-mãe é feita dentro da fábrica da Gigabyte em Taiwan”. PC World, 2018

A última vez que tive uma enxaqueca, passei o dia todo dormindo pois eu não conseguia ficar de pé sem imediatamente desmaiar de dor de cabeça. Enquanto a dor excruciante me levava à fronteira entre sonho e alucinação, eu via o meu computador se dissolver e todas as suas partes flutuarem em cima da mesa: placa-mãe, disco-rígido, letras do teclado, sistema de refrigeração, tela. Cada elemento se tornou um portal, preparado para me levar para o seu processo de produção. Eu entrei dentro de uma placa-mãe e logo percebi, deslizando em uma esteira de fábrica, que eu estava destinada a observar o processo enquanto um dos objetos a serem montados. Portanto eu não vi mãos, mas uma linha, em sua maioria composta de mulheres racializadas que juntavam as minhas partes. Do nada uma falha estranha aconteceu dentro do meu sonho. Me

tornei algo completamente diferente. Não tenho certeza do que eu era naquele momento, mas eu tinha um bom cheiro, indicando que era provavelmente apetitosa e feita de carne, macarrão e vegetais. Ainda assim, vi o mesmo rosto se inclinar sobre mim, enquanto conseguia, debilmente, me lembrar de quando fui uma placa-mãe.